

# O Cerco do Porto: A União dos Realistas Insurgentes com a Junta do Porto

HELENA CRISTINA AFONSO DE AZEVEDO (DE GOUVEIA) OSÓRIO\*

## Resumo

O título do artigo, *O Cerco do Porto. A União dos Realistas Insurgentes com a Junta do Porto*, apresenta já pistas do estudo efetuado. O seu cerne é o livro inédito, *Succinta Narração das Circunstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto* (1873), de António Augusto Teixeira de Vasconcellos (1816-1878), jovem oficial miguelista que, segundo a tradição familiar, patrocinou a causa de D. Miguel na guerra liberal portuguesa de 1820, com a fortuna pessoal. Depois do conflito, passou a político liberal, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, diplomata, genealogista, jornalista, editor, escritor. Curiosamente, Teixeira de Vasconcellos (TV) era convidado especial na Corte de Napoleão III, chegando a abrir os bailes com a Imperatriz dos Franceses, parente da primeira mulher Antónia de Portocarrero. Eugénia de Montijo, natural de Granada, também assinava Portocarrero. Do arquivo da Família de Teixeira de Vasconcellos, apresentamos outros livros e manuscritos inéditos. A nossa preocupação consiste em dar à comunidade científica um contributo único, recorrendo a publicações e a pareceres menos conhecidos ou esquecidos. O Cerco do Porto não foi apenas uma luta e resistência físicas e, sim, símbolo da Liberdade.

Se cada testemunha tem uma sensibilidade própria e forma de ver os acontecimentos, Teixeira de Vasconcellos viveu-o, escrevendo e publicando as memórias na primeira pessoa. *Succinta Narração das Circunstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com a Junta do Porto* é uma obra rara e única que relata os factos por quem os presenciou com uma visão alargada a ambas as frentes. A questão é que os factos são relatados conforme os seus autores com várias influências culturais, políticas e outras. Por isso, procuramos a visão mais ampla daquela dos compêndios e mais real aos olhos da época narrada por quem a viveu.

## Abstract

The title of this article, *The Siege of Porto. The Union of Realistic Insurgents with the Board of Porto*, already presents the clues of the study carried out. At its core is the book, *Successful Narration of the Circumstances that Preceded and Followed the Union of Realists Insurgents with the Board of Porto* (1873), by António Augusto Teixeira de Vasconcellos (1816-1878), a young Miguelist official who sponsored the Cause of D. Miguel in the Portuguese liberal war of 1820, with his personal fortune. After the conflict, he became a liberal politician, graduated in Law from the University of Coimbra, diplomat, genealogist, journalist, editor, and writer. Curiously, Teixeira de Vasconcellos (TV) was a special guest at the Court of Napoleon III, even opening the dances with the Empress of the French, relative of his first wife Antonia de Portocarrero. Eugénia de Montijo, a native of Granada, also signed Portocarrero. From the archive of Teixeira de Vasconcellos Family, we present other unpublished books and manuscripts. Our concern is to give the scientific community a unique contribution by using less known or forgotten publications and opinions. The Siege of Porto it was not just a struggle and resistance, but a symbol of Freedom. If each witness has his own sensitivity and way of seeing events, Teixeira de Vasconcellos lived it, writing and publishing as the messages in the first person. *Successful Narration of the Circumstances that Preceded and Followed a Union of the Insurgent Realists with a Board do Porto* is a rare and unique work that recounts the facts by those who witnessed them with a vision extended to both fronts. The point is that the facts are reported as their authors with various cultural, political and other influences. For this reason, we seek a broader view of the compendiums and more real in the eyes of the time narrated by those who lived it.

---

\* **Helena Cristina Afonso de Azevedo (de Gouveia) Osório\*** é doutorada em Estudos sobre a História da Arte e da Música pela Universidade de Santiago de Compostela. Investigadora no i2ADS/FBAUP.



Figura 1 - Carta Topográfica das Linhas do Porto durante o Cerco (Biblioteca Nacional de Portugal, 1835).

## CERCO DO PORTO EM 11 MESES E 10 DIAS

O Cerco do Porto é a memória da discórdia, não dos moradores da cidade, mas dos portugueses entre si. Foi um evento glorioso, longo e dramático.

Em 1809, o Porto foi vencido e humilhado. Se antes das invasões francesas alguns vibravam com as ideias que haviam gerado a Revolução Francesa, depois das invasões o fascínio não esmoreceu. Pelo contrário. Em 1820, o Porto faz a Revolução Liberal. O consumar dessa revolução aconteceu depois da vitória que o Cerco do Porto significou<sup>1</sup>.

Segundo Armando Marques Guedes, o Cerco de 1832-1833 que durou «*onze meses e dez dias*», teve as mais profundas e duradouras consequências para o Porto e para o Portugal oitocentista. O professor universitário considera-o «*a página mais célebre da sua história moderna*» (e mais dramática).

À escala da época, o episódio foi quase global por ter tido a adesão voluntária de jovens de vários países europeus que se aliaram aos liberais portugueses, perdendo muitos deles a própria vida.

O cerco montado pelas tropas miguelistas, pelas quais TV combateu, patrocinando a causa e perdendo grande parte da fortuna, significou para a população quase 12 meses contínuos de sacrifícios. Não foi apenas uma luta e resistência físicas, mas o símbolo da «*Liberdade*»<sup>2</sup>.

Teixeira de Vasconcellos viveu o evento, por dentro, publicando as memórias aquando dos debates do parlamento que fizeram reviver a Junta do Porto – como diz o próprio



Figura 2 - Gravura Vista da Serra do Pilar de Dias da Costa, 1832 (Marquês de Resende, Elogio Histórico do Senhor Rei D. Pedro IV/Biblioteca Nacional Portuguesa).

diplomata escritor<sup>3</sup> no prefácio da 1.<sup>a</sup> edição de *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com a Junta do Porto*, logo esgotada.

No contexto histórico, a Revolução Francesa, ao ter feito «*História no Mundo*»<sup>4</sup>, fez alguma sombra à Revolução Americana – o que talvez se explique em grande medida pela condição geográfica que poderá ter influenciado a expansão dos acontecimentos revolucionários franceses, acompanhados e alternados de «*fracassos e sucessos*»<sup>5</sup>.

Emblemática na representatividade, na soberania popular e nacional, na consagração dos ideais federais e da liberdade, a Revolução Americana foi e serviu de inspiração para outras revoluções posteriores, designadamente, a Revolução Francesa<sup>6</sup>.

Os ideais da Revolução são, assim, uma boa representação por se encontrarem presentes na memória histórica, política e social pelo efeito e impacto que tiveram noutros movimentos revolucionários e na construção das sociedades vindouras<sup>7</sup>.

O Cerco do Porto e Portugal, à época da revolução entre liberais e miguelistas, beberam desta fonte.

#### JUNTA DO PORTO: UM TESTEMUNHO

Em maio de 1846, o povo revoltou-se e já não só os habitantes das cidades. As pessoas do campo e a nobreza rural, entraram nos movimentos violentos. O conde de Tomar foi forçado a deixar o reino. O duque de Palmela, convidado ao afastamento, acabou por acalmar os ânimos, ordenando eleições. A Corte sentia-se temerosa por falta de confiança em Palmela. O duque de Saldanha regressou do estrangeiro e, em pouco tempo, foi convidado para liderar. Sem conhecer bem a disposição geral dos espíritos, provocou o

golpe de Estado de 6 de outubro de 1846. Os liberais do Porto insurgiram-se com a guarnição, formaram um governo presidido pelo conde das Antas e por José Passos, e atacaram por todo o lado o partido progressista. Resistiram a Saldanha até julho de 1847<sup>8</sup>.

A aliança renovou-se em Londres e a Junta do Porto baixou as armas face à armada espanhola de Concha e da flauta inglesa. A ideia era ir contra o governo de Lisboa. Saldanha, embora nunca tenha perdido uma batalha contra a armada da Junta, e mesmo a governar, não conseguiu conquistar a parte do território ocupada pelas suas tropas. Os miguelistas renovaram a tentativa inútil que custou a vida ao general Macdonnell. O protocolo de Londres defendeu a entrada de Costa Cabral e ordenou que os ministros fossem escolhidos pelos seus amigos políticos. O governo que chamou os estrangeiros foi obrigado a obedecer-lhes<sup>9</sup>.

Como diz TV, na obra *Les Contemporains Portugais, Espagnols et Brésiliens* (1859): «*Triste résultat des guerres civiles!*»

Estrategicamente numa elevação, junto à principal travessia do rio Douro, o Mosteiro da Serra do Pilar (ver Figura 2 e folha de rosto), já em 1809 foi apossado pelas tropas de Wellington, com o objetivo de atacar a cidade do Porto, então ocupada pelas tropas de Napoleão.

Anos mais tarde volta a ser invadido, no contexto da Guerra Civil portuguesa, entre liberais e absolutistas. No dia seguinte à sua chegada à cidade do Porto, o exército liberal atacou a margem de Gaia e conquistou a Serra do Pilar, aquartelando no mosteiro tropas, por se considerar um local tático ao nível militar<sup>10</sup>.

No período estendido entre julho de 1832 e agosto de 1833, que ficou conhecido por Cerco do Porto, o aquartelamento de tropas foi constante, assim como os ataques ao mesmo, o que deixou o mosteiro em ruínas<sup>11</sup>.

Este monumento emblemático (séculos XVI-XVII) foi desde 1996 inscrito na Lista do Património Mundial pela UNESCO<sup>12</sup>, sendo o local de onde se tem a vista mais espectacular da cidade do Porto, e marcando também presença constante em cada mirante do burgo portuense. Em pleno romantismo, serviu de inspiração à novela *Amor de Perdição* (1861) de Camillo Castello Branco (1825-1890)<sup>13</sup>, a qual deu origem ao filme de Mário Barroso (2008).

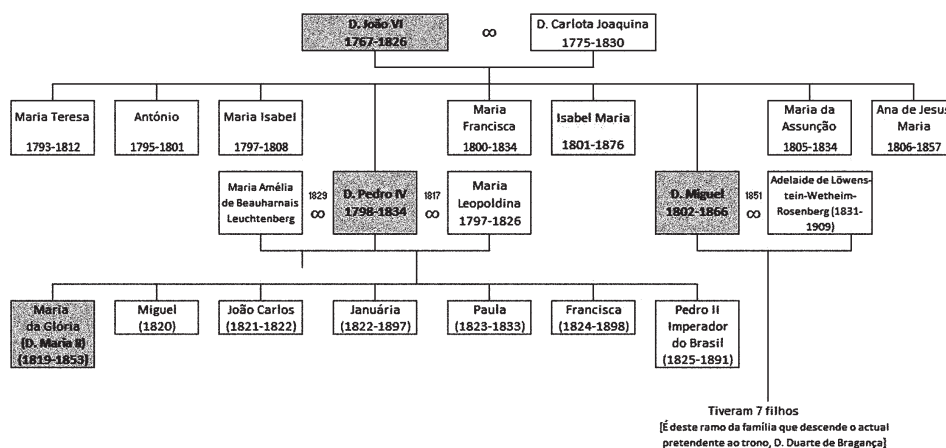


Figura 3 - Árvore Genealógica de D. João VI a D. Maria II.

Estas marcas do Cerco do Porto e de D. Pedro deixadas na cidade, ainda hoje se mantêm na memória, fazendo parte da sua identidade<sup>14</sup>.

É impossível esquecer o simbolismo do coração do imperador, doado ao Porto, pela luta da liberdade.

Como escreve TV, na obra anteriormente citada: «*La mémoire de D. Pedro sera toujours en honner chez les libéraux portugais*<sup>15</sup>.»



Figura 4 - Selo manuscrito colado no livro *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto* (1873) por A.A. Teixeira de Vasconcellos.

#### SUCINTA NARRAÇÃO POR A.A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

Começamos por transcrever o prefácio da 1.<sup>a</sup> edição da obra que ressalvamos, *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto* por A.A. Teixeira de Vasconcellos, o qual figura na 2.<sup>a</sup> edição por nós investigada no arquivo do legítimo Chefe de Casa, por varonia, José Pedro Albuquerque da Quinta Corrêa Pacheco (depois deste segue o filho Afonso):

*Estas linhas estavam escritas ha muito tempo; resolvi publicar-as agora, porque os debates do parlamento fizeram reviver contra a Junta do Porto a accusação de connivencia com o pensamento dynastico dos realistas. Eu devia á Junta o testemunho dos factos que presenciei, e pago, essa divida com a publicação d'este papel. Procurei relatar sem paixão; não sei se o consegui*<sup>16</sup>.

No prefácio da 2.<sup>a</sup> edição, datado de 20 de fevereiro de 1873, consta que o folheto foi publicado em 1848 para esclarecimento das discussões da câmara dos pares. Escreve:

*(...) o sr. Conde de Linhares, pae do actual, oppoz-se (...) por ser contra o regimento, porém (...) o sr. Conde das Antas (...) tomava a responsabilidade d'este papel, como se o tivesse escripto (...). Por se ter esgotado a 1.<sup>a</sup> edição, e ser procurado o folheto como documento historico, se mandou imprimir segunda (...)*<sup>17</sup>.

Em outubro de 1846, organizou-se no Porto a Junta provisória, onde realistas e constitucionalistas se armaram em defesa da causa que esta sustentava. A pequena quadrilha de 80 homens a favor de D. Miguel apareceu nas imediações de Penafiel. A Junta que em maio se organizara naquela cidade reuniu-se de novo para proclamar a adesão à Junta do Porto sob os princípios da Carta e da rainha e nessa Junta figuravam realistas dos mais notáveis do distrito. A guerrilha mal sucedida num encontro com a infantaria 3, que recolhia ao Porto, dissolveu-se, vindo a apresentar-se a TV, como delegado da Junta, os que faziam parte dela, apenas o chefe e mais dois<sup>18</sup>.

Em toda a parte, enquanto os realistas arvoraram a bandeira de D. Miguel, estiveram em guerra com a Junta do Porto, empregando a Junta todos os meios para o evitar por ser proveitoso para o inimigo. Porém, era condição indispensável a dissolução daquele



Figura 5 - Busto em gesso de Teixeira de Vasconcellos pelo escultor Élias Robert (1821-1874). Foto de Pedro Corrêa Pacheco (atual Chefe de Casa de Teixeira de Vasconcellos e dos Pacheco Pereira, por varonia).

movimento e de tudo o que pudesse tender a aclamar D. Miguel<sup>19</sup>.

Todos os homens de que se compunha a Junta, o seu exército, os seus principais amigos e auxiliares, eram liberais e liberais da dinastia de D. Maria II, mas que fariam a favor dos realistas como portugueses tudo o que pudesse caber nos limites da honra e do dever<sup>20</sup>.

No tempo que decorreu, desde a união até ao fim da guerra, a Junta recebeu dos chefes e oficiais realistas as mais decididas provas de fidelidade, de denodo e de patriotismo, não havendo nenhuma ocorrência desagradável<sup>21</sup>.

#### A.A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, CAPITÃO DE MILÍCIAS E POETA DA LIBERDADE

Teixeira de Vasconcellos (1816-1878) viveu desde menino na Casa de Coura<sup>22</sup>, solar do século XVII encravado em Bitarães, Paredes do Douro. Educado na tradição militar da aristocracia, não foi de estranhar encontrá-lo, com apenas 18 anos, como capitão do



Figura 6 - Costas do busto de Teixeira de Vasconcellos, em gesso cru, assinado por Élias Robert (1819-1874), discípulo de James Pradier (1790-1852), como Anatole Calmels (1922-1906) e David d'Angers (1788-1856). Foto de Pedro Corrêa Pacheco.

Regimento de Milícias de Penafiel. Nomeado por D. Miguel, por quem se bateu na guerra civil, casou com 19 anos no Paço de Valpedre, concelho de Penafiel, com uma jovem parente, de 17 anos, Antónia Adelaide da Cunha Coutinho Osório de Melo e Castro de Portocarrero<sup>23</sup>, sobrinha do célebre Fidalgo da Bandeirinha, a quem os amotinados portuenses de 1809 acusaram de jacobino e lhe cortaram a cabeça. Em 1838, nasceu a filha Antónia Adelaide, que lhe deu 13 netos.

Foi portanto já casado, e pai, que Teixeira de Vasconcellos, com 22 anos e foro de Moço-Fidalgo da Casa Real, com exercício no Paço, se matriculou na Faculdade de Direito de Coimbra, de onde saiu, em 1844, formado em Leis. Rebentou no Porto a revolução de 1846 à qual imediatamente aderiu, acorrendo à cidade natal e, na qual, entrou rico e partiu pobre, tendo a ela sacrificado, além do mais, a Casa e Quinta de Coura da sua juventude, que se viu obrigado a vender. Regressou a Lisboa, onde passou três anos e, a par da advocacia,

colaborou na Revista Universal e no Ateneu. Não abdicando nunca da vida de grandeza que sempre levou, depressa se viu a braços com sérias dificuldades económicas que o obrigaram, em 1850, a embarcar para Luanda, onde montou banca de advogado e ganhou muito dinheiro. Poucos meses depois do desembarque, foi eleito, em oposição ao candidato do governador de Angola, presidente da Câmara de Luanda. No desempenho do cargo, não tardou a descobrir toda uma série de irregularidades oficiais, nomeadamente relacionadas com o tráfico de escravos. O governador, apavorado, procurou desembaraçar-se dele. Então com 35 anos, TV era um dos mais temíveis *enfants terribles* da política portuguesa. Nesta fase da vida, enveredou, definitivamente, pelo jornalismo como forma de intervenção pública. Fundou o jornal Arauto, que dirigiu e redigiu durante quatro anos, decidiu iniciar uma longa viagem pela Europa, como correspondente do jornal O Comércio do Porto e do Revolução de Setembro. Pouco depois, em 1858, fundou em Paris, com o escritor Eduardo de Faria, a Sociedade Ibérica, que passou a publicar várias obras, dando a conhecer à Europa a História de Portugal e de Espanha. Em março de 1862, regressou a Lisboa. Comprou o antigo palácio do marquês de Pombal, na rua Formosa (hoje rua do Século), onde se instalou e prosseguiu a vida sumptuosa de que nunca abdicou.

Casou em segundas núpcias com Julia de Landauer, filha do médico alemão da Corte de Napoleão III, a quem dedicou o livro *Viagens na Terra Alheia* (1863), em viagem à Corte de Madrid. Os cinco anos que passou na Europa deram-lhe outra experiência e novas ideias.



Figura 7 - Busto em gesso de Luisa de Landauer, 2.ª mulher de Teixeira de Vasconcellos, pelo escultor Élias Robert (1865). Foto de Pedro Corrêa Pacheco.

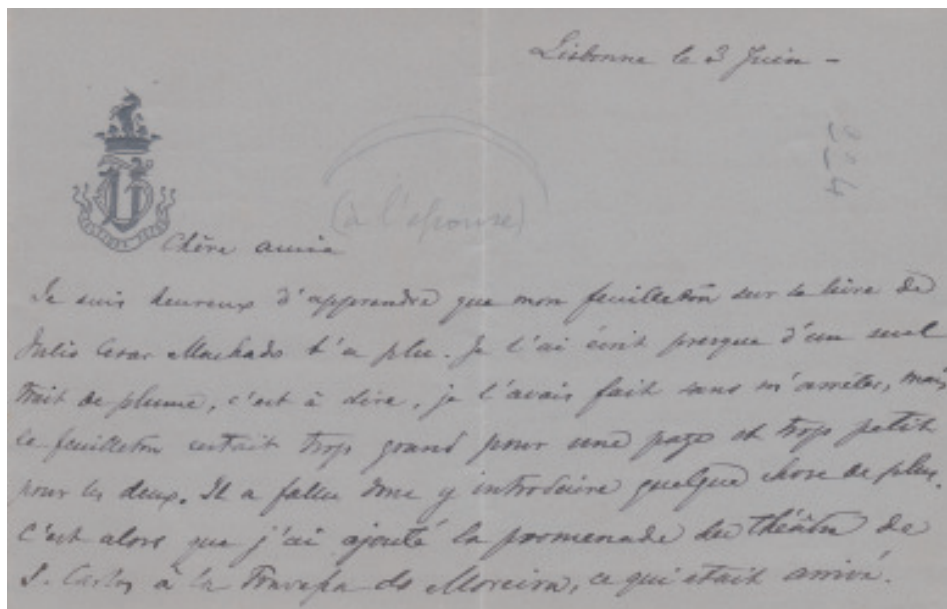


Figura 8 - Última carta de TV à mulher Julia de Landaeur.



Figura 9 - Retrato autografado de Josefa Teixeira de Vasconcellos, filha de Julia de Landauer e Teixeira de Vasconcellos, casada com barão alemão, sem descendência.

Oito meses depois do regresso, lançou o primeiro número do seu novo jornal, que dirigiu – a Gazeta de Portugal que, rapidamente, adquiriu grande prestígio e onde TV reuniu a esperançosa juventude de Letras de então: Pinheiro Chagas (1842-1895) que escreveu sobre as colónias portuguesas (1891); Mariano de Carvalho (1836-1905); Pedro Gastão Mesnier (1846-1888) que escreveu sobre estudos e impressões de uma viagem ao Japão (1873), Alberto Osório de Vasconcelos (1842-1881); Xavier da Cunha (1840-1920); e, mais tarde, Eça de Queiroz (1845-1900) que fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (1869-1870), foi nomeado cônsul de Portugal em Havana (1873), exerceu o mesmo cargo em Newcastle e Bristol (1874-1878) e morreu em Paris.

Em 1864, TV transformou a Gazeta num jornal de grande formato, à semelhança do Grand Journal francês, que a generalidade da Imprensa portuguesa depois haveria de



Paris 12 Rua Jacobert  
 23 de julho de 1838  
 246

M. minha filha

Recbi também a tua carta e pela 1.ª vez  
 na tua vida estive d'acordo com elle deo.  
 Longo em na m. obediencia a Paris sempre  
 ideia de vos mandar buscar ou de vos  
 levar comigo p. Stockholm. Mas em consequen-  
 cia buscar porque também perdido a carta  
 de credito e na? talvez noutro. Podes de  
 mandar buscar outra que se chegar  
 noutro.

Se sabes que eu tenho roupas de  
 panno preto? Grande tempo sou te lembrar  
 que me peças. Não suspensa actual é erro.  
 na A' Informacion de portaria 12 francos  
 de quarter - alojamento 15 ..  
 comida de Informacion 6 ..

Figura 10 - Última carta de Teixeira de Vasconcelos à filha Josepha.

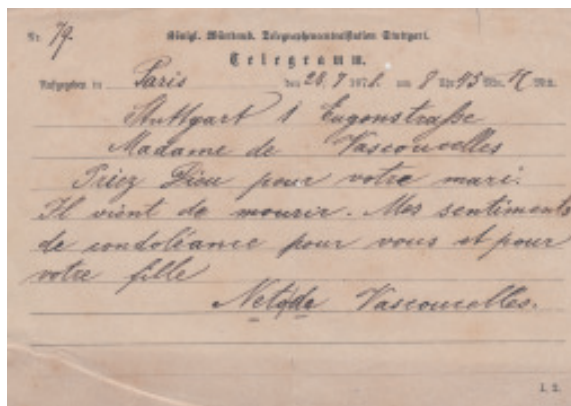


Figura 11 - Telegrama do sobrinho amigo, assinado Neto de Vasconcellos, a anunciar a morte de TV à mulher Julia de Landaeur.



Figura 12 - Retrato inédito de A.A. Teixeira de Vasconcellos cedido pela Família, com os netos que conheceu já adultos.

adotar. Logo em janeiro do ano seguinte, outra inovação: a Gazeta passou a publicar um anexo vespertino, a que deu o nome de Boletim da Tarde. Contudo, em 65 foi eleito deputado da Nação e diretor-geral da Secretaria da Câmara dos Deputados. Quando Portugal negociou com os Estados Unidos da América o Tratado da Extradicação, foi também nomeado embaixador plenipotenciário em Washington. Em 1870 estreou-se no teatro, escrevendo a comédia *O Dente da Baronesa*. Em 1871, depois de colaborar na Redação do Novidades, fundou o último periódico, o *Jornal da Noite*, que dirigiu durante sete anos – até à data da sua morte, em Paris, a 29 de junho de 1878, com 62 anos de idade<sup>24</sup>.

Na redação do *Jornal da Noite* e em papel timbrado do periódico, TV escreveu cartas à filha Josepha de um segundo casamento, que não deixou descendência<sup>25</sup>.

O fundo da inteligência e da sensibilidade de Teixeira de Vasconcellos<sup>26</sup> é o amor e o entusiasmo, que sempre manifestou pela arte de escrever. A ideologia contrária à monarquia (participou na guerra da Patuleia), originou uma obra muito coartada pelos aspectos políticos que vai beber à Revolução Francesa. A sua obra completa não é fácil de conhecer, uma vez que nutre ideias avançadas e não compreendidas pelo *status* da altura. Por

curiosidade, diz a tradição familiar que, apesar de gago, conversava melhor do que ninguém. O estudo do personagem leva-nos a pressupor que até fingisse a gaguez por gozo e brincadeira e, também, para dizer as verdades de forma aceitável.

Ramalho Ortigão acompanhou o seu cadáver ao cemitério Montmartre após dois meses de, em Lisboa, os médicos lhe diagnosticarem os primeiros sintomas de uma paralisia



Figura 13 - Artigo no Jornal *Correspondencia de Coimbra*, 2 de agosto de 1878, n.º 60.

progressiva e de o alertarem para não viajar. Atravessou Espanha, chegou a Paris quase sem movimento, numa perna e num braço, e subiu a uma carruagem para ir jantar ao café e passear no Bois onde, metendo o charuto ao canto da boca, conversou com bom humor. O sobrinho Neto de Vasconcellos que viajou com ele e habitou os mesmos aposentos, vendo-o extremamente doente, saiu de casa na rua Joubert e foi a dois passos, à rua Caumartin, chamar o médico. Quando chegaram, Teixeira de Vasconcellos parecia ter adormecido com uma expressão irónica. Estava morto.

Ortigão não lhe consagrou no livro *Pela Terra Alheia* (1878-1910), o retrato literário que este merecia, confessa, por se tratar de uma personalidade que pedia um grande estudo. Resume que Teixeira de Vasconcellos tem duas naturezas inteiramente distintas, quase opostas: O homem público e o homem particular, ou o homem subjetivo e o homem exterior. Como escritor, falta-lhe sinceridade. (Ortigão continua o elogio.) Por fora, é um conservador ferrenho, astuto, hábil. Por dentro, um cético profundo, convicto, poderoso, transcendente. A sua prosa escrita de uma correção perfeita, é espessa, opaca, monótona. A vida bastante acidentada torna-se, para ele, uma escola prática. Tem o enorme poder da ironia e do sarcasmo. Bombástico. Muitos dos seus ditos estão carregados com substâncias explosivas. Nunca se valeu deste imenso poder que constituía a sua superioridade. O desdém dificilmente reprimido pela sociedade, a indiferença pela vida e o desprezo pela morte, explicam-no<sup>27</sup>.

Já Abranches de Soveral, jornalista e genealogista que estuda e escreve sobre os ramos da família de António Augusto Teixeira de Vasconcellos, porventura por ser casado com uma sua tetraneta, partilha a opinião de Ortigão, considerando não ser fácil falar sobre o escritor e, talvez por isso, seja tão esquecido: *Antes do Eça, e muito mais do que ele, Teixeira de Vasconcelos foi o autêntico vencido da vida (...) O político? O jornalista? O revolucionário? O escritor? (...) homem tranquilamente irrequieto, tradicionalista em tanto, progressista em muito (...). Trinta anos adiantado ao seu tempo? – como ele diz de um seu personagem. (...) Teixeira de Vasconcelos cresceu, filho único, sob o manto da imagem de seu pai – uma espécie de herói vivo que primeiro salvou Portugal dos Franceses*<sup>28</sup>.

## NOTAS

<sup>1</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da – *A Guerra Civil dentro do Porto*. O Tripeiro. 7.ª Série. Ano XXIX, n.º 12 (dezembro 2010). p. 381.

<sup>2</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da – *A Guerra Civil dentro do Porto*. O Tripeiro. 7.ª Série. Ano XXIX, n.º 12 (dezembro 2010). p. 380.

<sup>3</sup> Membro de uma família partidária de D. Miguel, foi seu pai o brigadeiro António Vicente Teixeira de São-Payo (1763-?), o primeiro, em 13 de junho de 1808, a levantar em Trás-os-Montes o grito contra os franceses que pouco depois abandonaram Portugal, assinando Junot a Convenção de Sintra no mesmo ano. A TV, «(...) nomeado em 1834, com 18 anos, capitão de milícias (...) para o fortalecer nos seus princípios lhe receberam leituras de Chateaubriand, o medico mais conceituado da epocha contra as ardencias revolucionarias (...). Porém o medicamento (...) tornou-o liberal em vez de realista (...)». Vd. QUEIROZ, Teixeira de – *Elogio Historico de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos Lido na Sessão Solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 16 de Junho de 1907*. Lisboa: Typographia da Academia, 1907. p. 2.

<sup>4</sup> DOYLE, William – *The Oxford History of the French Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 253. Apud SANTOS, Joana Isabel Pegado dos – *O Impacto da Revolução Francesa na Historiografia Portuguesa Oitocentista: Uma Perspectiva Comparada*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à UNL, 2017. p. 16.

<sup>5</sup> SARDICA, José Miguel – *A Europa Napoleónica e Portugal: Messianismo Revolucionário, Política, Guerra e Opinião Pública*. Parede: Tribuna da História, 2011. p. 23. Apud SANTOS, Joana Isabel Pegado dos, op. cit., p. 16.

<sup>6</sup> Idem, p. 15.

<sup>7</sup> SANTOS, Joana Isabel Pegado dos – *O Impacto da Revolução Francesa na Historiografia Portuguesa Oitocentista: Uma Perspectiva Comparada*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à UNL, 2017. p. 17.

<sup>8</sup> VASCONCELLOS, A.A. Teixeira – *Les Contemporains Portugais, Espagnols et Brésiliens*. Le Portugal et la Maison de Bragance. Paris: Typographie Guiraudet, 2.ª ed., 1859. pp. 633-634.

<sup>9</sup> Idem, p. 634.

<sup>10</sup> MARTELO, David – *O Cerco do Porto. A Cidade Invicta*. Lisboa: Prefácio, 2001. p.14. Apud FERREIRA, Carlos José Furtado – *Revisitar o Porto: D. Pedro IV e o Cerco do Porto – Proposta de Exposição e Roteiro*. Porto: Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História e Património – Mediação Patrimonial, FLUP, 2015. p. 23.

<sup>11</sup> O Mosteiro é um dos raros exemplares renascentistas em Portugal e único como exemplo da aplicação de modelos de construção civil do teórico e arquiteto italiano Francesco di Giorgio em edifícios monásticos. Vd. FERREIRA, Carlos José Furtado – *Revisitar o Porto: D. Pedro IV e o Cerco do Porto – Proposta de Exposição e Roteiro*. Porto: Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História e Património – Mediação Patrimonial, FLUP, 2015. p. 23.

<sup>12</sup> ABREU, Susana – *Mosteiro da Serra do Pilar*. Vila Real: Direção Regional de Cultura do Norte, 2014. p.1. Apud FERREIRA, Carlos José Furtado, op. cit, p. 22.

<sup>13</sup> *Simão relê as cartas de Teresa, (...) encosta a face e o peito aos ferros da sua janela, e avista os horizontes boleados pelas serras de Valongo e Gralheira, e cortados pelas ribas pitorescas de Gaia, do Canidal, de Oliveira e do mosteiro da serra do Pilar.*» Disponível em <https://www.livros-digitais.com/camilo-castelo-branco/amor-de-perdicao/107> (20 de junho de 2018, 22h18).

<sup>14</sup> FERREIRA, Carlos José Furtado, op. cit., p. 20.

<sup>15</sup> VASCONCELLOS, A.A. Teixeira – *Les Contemporains Portugais, Espagnols et Brésiliens*. Le Portugal et la Maison de Bragance. Paris: Typographie Guiraudet, 2.<sup>a</sup> ed., 1859. p. 627.

<sup>16</sup> VASCONCELLOS, A.A. Teixeira de – *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto*. Lisboa: Typographia Portugueza, 2.<sup>a</sup> ed., 1873. p. 3.

<sup>17</sup> VASCONCELLOS, A.A. Teixeira de, op. cit., p. 4.

<sup>18</sup> VASCONCELLOS, A.A. Teixeira de – *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto*. Lisboa: Typographia Portugueza, 2.<sup>a</sup> ed., 1873. p. 5.

<sup>19</sup> VASCONCELLOS, A.A. Teixeira de – *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto*. Lisboa: Typographia Portugueza, 2.<sup>a</sup> ed., 1873. pp. 5-7.

<sup>20</sup> Idem, p. 8.

<sup>21</sup> Idem, p. 15.

<sup>22</sup> A Casa de Coura, bem como a Casa da Vidigueira, em Besteiros, no mesmo concelho de Paredes, era morgado de sua mãe, Maria Emilia de Souza Moreira e Barboza de São-Payo Teles de Menezes. Vd. VASCONCELOS, Teixeira de – *O Prato de Arroz Doce*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983. p. 9.

<sup>23</sup> Senhora do Paço de Valpedre e da Casa do Barreiro (Madalena, Paredes), filha de António de Pina e Mello Argôllo de Queiroz, Moço-Fidalgo da C.R., natural da Baía (Brasil) e de sua mulher Maria Jerónima Vasques da Cunha Coutinho e Castro Ferraz de Britto Osório de Alarcão e Portocarrero (irmã do Fidalgo da Bandeirinha, no Porto, senhor do Palácio da Bandeirinha, ou Casa das Sereias, por ser símbolo heráldico da família Portocarrero. Daí, o portal com par de sereias da autoria de Nicolau Nasoni que aí esteve hospedado). O portal marca a zona mais antiga deste que foi paço renascentista, ainda com reminiscências na entrada que Nasoni distinguiu não por acaso (hoje, a entrada faz-se pelas supostas traseiras e esta está virada ao rio como sempre deve ter estado). O edifício do século XVIII, no antigo Monte dos Judeus, foi (re)erguido sobre as ruínas do primeiro de que foi senhor o avô materno de Antónia de Portocarrero (antes do tio que o herdou por morte, no rio Douro, do irmão morgado). Ao nível de interiores, o século XIX impera, tendo-se optado por um estilo mais austero ao gosto inglês. Porém, a família originária abandonou a casa em 1809 com o desgosto da chacina do último senhor. Hoje e desde 1955, é colégio Casa Madalena de Canossa de Irmãs missionárias de diferentes nacionalidades. Vd. VASCONCELOS, Teixeira de, op. cit., p. 9.

<sup>24</sup> Introdução de Manuel M.M. Abranches de Soveral. Ibidem, pp. 7-17.

<sup>25</sup> Julia de Landauer é a segunda mulher por quem o viúvo TV deixa transparecer um carinho imenso e a quem dedica o livro estudado sobre a viagem à Corte de Madrid. A filha do casal, Josepha de Vasconcellos, é amada à distância pelo pai escritor que a cria e vive na esperança de voltar a viver junto dela, lutando por um cargo na Europa. Casa já depois do falecimento do pai com um barão alemão, não deixando descendência e enviando a correspondência para os netos do escritor com quem troca pareceres e que seguem por varonia a família de Maria Adelaide da Cunha Teixeira de Vasconcellos de Portocarrero, a única filha do primeiro casamento que é criada por padrinhos, a qual casa com João Corrêa Pacheco Pereira de Magalhães, amigo do pai desde os tempos de estudante na Universidade de Coimbra. Apud OSÓRIO, Helena Cristina Afonso de Azevedo (de Gouveia) – *Impressões sobre a Arte e o Património nas Cidades Europeias mais Visitadas por Viajantes Portugueses (Londres, Madrid, Nápoles e Paris): Notas para o Estudo de uma Sensibilidade Estética (1860-1910)*. Santiago de Compostela: Tese de Doutoramento em Estudos sobre a História da Arte e da Música, apresentada à Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela, 2014. p. 115.

<sup>26</sup> Político, jornalista, revolucionário, escritor e diplomata do Porto passa parte da vida no estrangeiro. Casa em primeiras núpcias, no Paço de Valpêdre, com 19 anos, com a prima Antónia Adelaide Vasques da Cunha Coutinho Osório de Melo e Castro de Portocarrero, Senhora da Casa de Valpêdre (Penafiel) e da Casa do Barreiro (Madalena, Paredes), sobrinha do célebre Fidalgo da Bandeirinha, a quem os

amotinados portuenses de 1809 acusam de *jacobino* e por isso lhe cortam a cabeça. Vasconcellos casa em segundas núpcias com Julia de Landauer, filha de um médico de Estugarda que exerce funções na Corte Imperial de Napoleão III – imperador casado com uma prima de sua primeira mulher, a Imperatriz Maria Eugénia de Montijo de Guzmán que também assina Portocarrero. Conhecido pela boa disposição e apuramento de gosto por requintes, Vasconcellos chega a ser impedido por parte de D. Pedro V de exercer funções como director da Torre do Tombo por, na juventude, ter levado uma vida sexual aventureira. Vd. MÓNICA, Maria Filomena – *Cenas da Vida Portuguesa*. Lisboa: Livros Quetzal, 1999, p. 94. Apud OSÓRIO, Helena Cristina Afonso de Azevedo – *Ambientes Decorativos Românticos em Casas Nobres do Norte de Portugal*. Porto: Dissertação de Mestrado em Artes Decorativas apresentada à Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Pólo do Porto, 2008. pp. 19-20.

<sup>27</sup> ORTIGÃO, Ramalho – *Pela Terra Alheia. Notas de Viagem*. Paris-Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, Tomo I, 1910. pp. 39-43.

<sup>28</sup> António Vicente Teixeira de São-Payo, Brigadeiro-Comissário-em-Chefe dos Reais Exercitos (célebre chefe do primeiro levantamento militar contra o invasor francês, conhecido pela Revolução Transmontana), Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Comendador da Ordem de N<sup>ª</sup> S<sup>ª</sup> de Vila Viçosa, Sr. da Casa de Jugueiros, em Sendim (Felgueiras). Vd. VASCONCELOS, Teixeira de – *O Prato de Arroz Doce*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983. p. 8.

## BIBLIOGRAFIA

### Índice da Bibliografia. Bibliografia Primária

VASCONCELLOS, A.A. Teixeira de (1859): *Les Contemporains Portugais, Espagnols et Brésiliens. Le Portugal et la Maison de Bragançe*. Paris: Typographie Guiraudet, 2.<sup>a</sup> ed.

VASCONCELLOS, A.A. Teixeira de (1873): *Succinta Narração das Circumstancias que Precederam e Seguiram A União dos Realistas Insurgentes com A Junta do Porto*. Lisboa: Typographia Portuguesa, 2.<sup>a</sup> ed.

### Bibliografia Secundária

FERREIRA, Carlos José Furtado (2015): *Revisitar o Porto: D. Pedro IV e o Cerco do Porto – Proposta de Exposição e Roteiro*. Porto: Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História e Património – Mediação Patrimonial, FLUP.

MARTELO, David (2001): *O Cerco do Porto. A Cidade Invicta*. Lisboa: Prefácio.

QUEIROZ, Teixeira de (1907): *Elogio Historico de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos Lido na Sessão Solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 16 de Junho de 1907*. Lisboa: Typographia da Academia.

SILVA, Francisco Ribeiro da (dezembro 2010): *A Guerra Civil dentro do Porto*. O Tripeiro. 7.<sup>a</sup> Série. Ano XXIX, n.º 12.

### Bibliografia Geral

ABREU, Susana (2014): *Mosteiro da Serra do Pilar*. Vila Real: Direção Regional de Cultura do Norte.

DOYLE, William (2002): *The Oxford History of the French Revolution*. Oxford: Oxford University Press.

MÓNICA, Maria Filomena (1999): *Cenas da Vida Portuguesa*. Lisboa: Livros Quetzal.

ORTIGÃO, Ramalho (1910): *Pela Terra Alheia. Notas de Viagem*. Paris-Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, Tomo I.

OSÓRIO, Helena Cristina Afonso de Azevedo (2008): *Ambientes Decorativos Românticos em Casas Nobres do Norte de Portugal*. Porto: Dissertação de Mestrado em Artes Decorativas apresentada à Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Pólo do Porto.

OSÓRIO, Helena Cristina Afonso de Azevedo (de Gouveia) (2014) *Impressões sobre a Arte e o Património nas Cidades Europeias mais Visitadas por Viajantes Portugueses (Londres, Madrid, Nápoles e Paris): Notas para o Estudo de uma Sensibilidade Estética (1860-1910)*. Santiago de Compostela: Tese de Doutoramento em Estudos sobre a História da Arte e da Música, apresentada à Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela.

SANTOS, Joana Isabel Pegado dos (2017): *O Impacto da Revolução Francesa na Historiografia Portuguesa Oitocentista: Uma Perspectiva Comparada*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à UNL.

SARDICA, José Miguel (2011): *A Europa Napoleónica e Portugal: Messianismo Revolucionário, Política, Guerra e Opinião Pública*. Parede: Tribuna da História.

VASCONCELOS, Teixeira de (1983): *O Prato de Arroz Doce*. Porto: Livraria Civilização Editora.